

Banda Filarmónica de Tibaldinho

UM SÉCULO DE ACTIVIDADE MUSICAL (1901-2001)

por José Manuel Azevedo e Silva

in separata da revista MUNDA, nº 45/46

Coimbra, 2003

A espantosa capacidade criadora do ser humano levou-o a inventar, desde cedo e entre muitas outras coisas, a *escrita* (arte das palavras), a *pintura* (arte das cores), a *escultura* (arte das formas), a *música* (arte dos sons).

Com 25 letras, no caso do alfabeto português, se constróem as palavras que permitem definir e transmitir os pensamentos e os sentimentos. O jogo das palavras possibilitou a escrita de belas obras literárias (poemas, contos, romances) ou de importantes obras científicas.

O manuseamento das 7 cores facultou a criação das maravilhosas obras de pintura que, por todo o mundo, desde a pré-história aos nossos dias, adornam as cavernas (arte rupestre), os museus, os monumentos ou as simples casas de habitação.

O cinzelamento da pedra e a moldagem do barro, da madeira ou de outros materiais fez nascer as belas e artísticas esculturas características de todos os estilos e civilizações.

Com 7 notas musicais se faz a festa dos sons, desde a criação de uma simples melodia à composição da mais complexa sinfonia, desde o dedilhar de uma singela flauta pastoril à harmonização de uma grande orquestra sinfónica. Tudo isto, graças à conjugação dos elementos fundamentais da música: a melodia, a harmonia, o ritmo e o timbre.

Como forma específica e artística de comunicação que é, a música consola o coração, inebria a alma e eleva o espírito. Não admira, pois, que a música, tal como as demais manifestações artísticas, tenha acompanhado a evolução estética do Homem.

1 . As origens da Banda de Tibaldinho

Na história das instituições, há sempre um período de tempo gestor a que Francesco Alberoni chamou *estado nascente* e o momento fundador que dá lugar ao *estado institucional*. E a evocação ou celebração do acto fundador consagra o *estado ritual*. Por outro lado, há sempre um primeiro motor, traduzido num sonho, numa ideia que emerge no pensamento de quem teve esse sonho e essa ideia.

No caso da Banda de Tibaldinho, o sonhador que teve essa feliz ideia foi o Professor José de Loureiro Pais, natural desta aldeia e professor do ensino primário na escola de Fornos de Maceira-Dão.

O processo delineado pelo Senhor Professor Loureiro (assim era tratado pelos seus conterrâneos) seguiu passos lentos mas seguros. Começou por ir aprofundar os seus conhecimentos musicais na Banda de Música da vizinha povoação de Lobelhe, então já existente há cerca de três décadas, onde foi filarmónico durante alguns anos. Quando se achou com suficiente cabedal de conhecimentos musicais, formou um grupo de discípulos a quem foi transmitindo esses conhecimentos.



Estava já o grupo instruído no solfejo e pretendia passar à execução musical, mas faltavam os instrumentos. Formou-se então uma comissão de apoio a esta causa que fez um peditório ao povo para a compra dos instrumentos musicais. A aldeia rejubilou com a ideia e correspondeu generosamente. Nesta fase embrionária, foram importantes, é justo dizê-lo, os conhecimentos do Senhor Joaquim Pedro Fortes, pois havia sido músico da Banda Militar do Regimento de Infantaria 14, de Viseu, e sabia tocar vários instrumentos.

Neste período pré-histórico da vida da Banda, feita a aprendizagem da execução instrumental, formou-se um pequeno concerto, composto por oito elementos, tocando os seguintes instrumentos: 2 clarinetes, 1 flauta, 1 saxofone, 1 cornetim, 1 bombardino, 1 trombone e 1 contrabaixo. Conhece-se até o nome desses oito elementos fundadores. São eles: José de Loureiro Pais (maestro), Anacleto Luís Aresta, António Lopes, António Loureiro (Padeiro), António Loureiro Amaral, Francisco Marques, Jerónimo Pais de Loureiro e Joaquim Pedro Fortes.

Este grupo inicial fez a sua primeira aparição pública na Igreja Matriz de Alcafache, abrilhantando a festa da Missa do Galo de 1901. É este o momento fundador da hoje designada Sociedade Filarmónica de Tibaldinho.

Entretanto, o Senhor Professor Loureiro, coadjuvado pelo Senhor Fortes, mantinha activa a sua escola de música.

2. A evolução através dos tempos

Poucos anos volvidos, Mestre Loureiro tinha já preparados no solfejo mais elementos. Faltavam, porém, os instrumentos musicais necessários. Novo peditório ao povo e os instrumentos foram adquiridos. Acrescente-se, desde já, que outros peditórios foram feitos posteriormente (aos quais o povo sempre correspondeu), quer para a compra de instrumentos musicais, quer para a aquisição de fardamento.

O grupo passou então a contar 20 filarmónicos, executando os seguintes instrumentos: 3 clarinetes, 3 cornetins, 2 bombardinos, 2 trombones, 2 contrabaixos, 1 requinta, 1 flauta, 1 saxofone alto, 1 saxofone soprano, 1 trompa, 1 pratos, 1 caixa e 1 bombo.



Como vemos, além do aumento do número de elementos, nota-se já a presença de instrumentos de percussão (bombo, caixa e pratos) que não existiam na fase inicial. O grupo assumia agora a estrutura de uma verdadeira filarmónica.

Brindando o povo da aldeia que tão generosamente tinha participado nos peditórios que possibilitaram a aquisição dos instrumentos musicais, do fardamento e de outras despesas, a Banda criou a tradição de, no dia de Ano Novo, fazer uma arruada de saudação à população em geral, com paragens de cumprimentos especiais frente à casa dos seus principais beneméritos que, normalmente, oferecem um aperitivo e uma bebida. Em alguns anos, foi também decidido brindar a aldeia com um concerto de Ano Novo.

Apesar das inúmeras dificuldades, contrariedades, sobressaltos e crises internas, a Banda nunca deixou de estar em actividade. No momento em que comemora o seu primeiro centenário, podemos distinguir quatro períodos no decurso da sua existência.

2. 1 - Primeiro período (1901-1930)

É o tempo do nascimento, crescimento e consolidação. É neste período que a Banda conta com dois dos seus mais competentes e dedicados maestros: o seu fundador Professor José de Loureiro Pais e o seu discípulo e sucessor no cargo Senhor António Loureiro Amaral. Foi na fase final deste período e início do seguinte que foi músico como primeiro clarinete um dos nossos informadores, Senhor Fernando de Loureiro Pais, sobrinho do fundador da Banda.

Nesse tempo, a Banda chegou a ter 30 filarmónicos, executando os seguintes instrumentos: 6 clarinetes, 5 cornetins, 3 bombardinos, 3 trombones, 3 contrabaixos, 1 requinta, 1 flauta, 1 saxofone alto, 1 saxofone soprano, 1 saxofone tenor, 1 trompa e, como percussão, 2 caixas, 1 pratos e 1 bombo.

Em algumas fases deste período, a Banda teve farda de cotim mesclado.

Quanto ao tipo de serviços realizados, contam-se essencialmente arraiais, concertos, cortejos, arruadas, funerais, procissões e missas cantadas.

2. 2 - Segundo período (1930-1945)

Este período foi o mais atribulado da sua existência, coincidindo sensivelmente com a regência do seu terceiro maestro e um dos fundadores, o Senhor Joaquim Pedro Fortes. Não fora a dedicação e a carolice de alguns e o bairrismo do povo e a Banda de Tibaldinho ter-se-ia extinguido. O "golpe de misericórdia" foi-lhe vibrado pelas autoridades eclesiásticas.

Como vimos já, grande parte dos seus serviços eram de carácter religioso. Mas, em meados de Novembro

de 1931, a Banda de Tibaldinho foi interdita de fazer serviços religiosos.

Filarrnónico à data da interdição da Banda, meu Pai, Francisco Lopes da Silva, contou-me pormenorizadamente essa peripécia que podemos resumir da seguinte forma: um senhor da aldeia, chamado Fernando Lopes, era divorciado e vivia maritalmente com outra mulher. Quando morreu, por volta do São Martinho de 1931, a Banda foi rogada para tocar uma ou duas marchas fúnebres no enterro, pois era costume ser chamada a tocar nos funerais, quando morria algum músico, gente grada da terra, da freguesia ou mesmo da região. O Padre Leitão, vigário da paróquia de Alcafache, cumprindo ordens do Bispo de Viseu e da Câmara Eclesiástica, avisou os responsáveis que nem ele nem a Banda podiam participar no funeral de um homem que estava divorciado e vivia com outra mulher, sob pena de ser interdita. Gerou-se enorme onda de protesto entre os músicos e restante população de Tibaldinho que não se mostrava disposta a acatar as ordens da Igreja. A decisão foi tomada com todas as consequências daí advenientes: o funeral foi sem padre, mas foi com música.

Claro está que a Banda foi mesmo interdita de participar em actos religiosos durante cerca de dez anos. Mas as consequências não ficaram por aqui. O maestro, Senhor Fortes, que era feitor da casa solarenga da Quinta de Santa Eufémia, da família Sacadura Botte, na sequência da referida interdição, foi posto, pelo Dr. Sacadura, perante o seguinte dilema: ou deixava a Banda ou deixava de ser seu feitor.

O Senhor Fortes, um dos fundadores da Banda, músico que tinha sido, como já se disse, da Banda Militar do Regimento de Infantaria 14, de Viseu, e, portanto, um amante inseparável da música, não hesitou. Deixou a feitoria da Casa Sacadura Botte e manteve-se à frente da Banda.

Para viver, tomou a exploração de uma taberna, mas, como esta não lhe desse os proventos mínimos necessários ao seu sustento e da família (parece que era melhor músico que comerciante), teve de se socorrer da profissão de barbeiro, que dantes tinha exercido, quando embarcado na marinha mercante.

Note-se que, nem mesmo nos tempos em que foi embarcado, Mestre Fortes se desligou da música. Ela fazia parte do seu ser. Deliciava a tripulação do barco, durante as longas viagens, tocando violino.

O seu violino foi gentilmente oferecido pela viúva, D. Marquinhas, ao autor destas linhas, quando criança, com a promessa de aprender a tocar. A promessa foi, até certo ponto, cumprida.

E não só o maestro sofreu represálias da Casa Sacadura Botte. Não se sabe como, embora se presuma porquê, alguns dos seus caseiros, numa atitude diversa da de Mestre Fortes, abandonaram a Banda nessa ocasião, voltando quase todos depois da sua desinterdição.

Esta questão que, como vimos, se prolongou durante cerca de uma década, só foi resolvida mediante um hábil estratagema e com a cumplicidade da própria Igreja: a Banda declarou-se extinta, formando-se outra de seguida que, no fundo, era a mesma, pois era constituída pelos mesmos músicos.

Em abono da verdade, deve acrescentar-se que este mau período da Filarmónica se deve não só à interdição, mas também ao facto de o Senhor Joaquim Pedro Fortes ser tão bom músico quanto fraco maestro. Homem bom, mas sem carisma, tinha dificuldade em impor a disciplina e a liderança, sempre indispensável ao bom funcionamento de qualquer grupo. Por outro lado, não tinha o sentido da inovação e da renovação do repertório. Ainda hoje, para significar o enfado de um qualquer acto repetitivo, se diz entre a população de Tibaldinho: - «Sempre o mesmo Senhor Fortes», no fundo, uma forma local de traduzir o dito popular generalizado em todo o país, «vira o disco e toca o mesmo».

Dada a instabilidade da Banda neste período, o número dos seus filarmónicos foi muito variável. Analisando, porém, uma fotografia de 1930, podemos concluir que, nessa data, era composta por 24 elementos: 3 clarinetes, 3 cornetins, 3 bombardinos, 2 trombones, 2 contrabaixos, 2 caixas, 1 requinta, 1 saxofone alto, 1 saxofone soprano, 1 trompete, 1 trompa, 1 bombo, 1 pratos, o porta bandeira e o maestro. Foi possível identificar todos eles, cujos nomes são os seguintes:

Director: Fernando Ferreira
Maestro: Joaquim Pedro Fortes

Filarmónicos: Adelino Pais dos Santos; Alexandre Rodrigues; António de Loureiro; António Pais do Amaral; António Pais Mendes; António Pais Silvestre; António Rodrigues; Artur Luís; Artur Lopes; Eduardo Pedro Fortes; Fernando Esteves; Fernando Loureiro Rodrigues; Fernando Pais do Amaral; Fernando Pais Mendes (Campeão); Francisco Lopes da Silva; Francisco Pais Mendes; João Calisto; João Cardoso; José de Loureiro Rodrigues; Manuel Esteves; Manuel Gomes (Gaiteiro); Manuel Ferreira Azevedo; Manuel de Loureiro.

O tipo de serviços e actuações continuou a ser idêntico ao indicado no primeiro período.

2.3 - Terceiro período (1945-1980)

Mal a Banda se tinha recomposto do revés da interdição, surge desta vez uma crise interna que culminou com o «saneamento» do seu quarto maestro, Senhor António Pais do Amaral. Consigo saíram outros filarmónicos que com ele se solidarizaram, decidindo formar uma orquestra, por si liderada, denominada Jazz-Band "Os Teimosos". Foram seus fundadores o maestro António Pais do Amaral - saxofone tenor, seu irmão Fernando Pais do Amaral - trompete e seu primo João Pais do Amaral - bateria, aos quais se juntaram no momento da fundação e ao longo dos cerca de 30 anos da sua existência outros músicos de Tibaldinho e da Banda de Santar, constituindo um grupo que variou entre os 6 e os 8 elementos.

Até ao seu falecimento, António Pais do Amaral, homem bonacheirão e profundo conhecedor de música, será conhecido por Toninho do Jazz e por "Teimoso". Mais tarde, após a extinção da orquestra, regressará à Banda Filarmónica, vindo mesmo a ser eleito Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação, em 1980. Nos anos oitenta, existiu em Tibaldinho uma outra orquestra, designada «Conjunto Juventus», criada como uma Secção do Grupo Coral de Alcafache.

A orquestra de música ligeira, «Os Teimosos», fundada em 1945, da qual chegámos a fazer parte na nossa juventude, tocando violino e cantando, chegou a atingir certa projecção musical na região, travando renhidos despiques com outras orquestras nas festas e arraiais, nomeadamente «Os Azuraras», de Mangualde, «Os Viriatos», de Cabanas de Viriato, «Os Sanchos» e «Os Melros» (dos quais, por uma cisão, nasceram «Os Melros Novos»), de Covões, o «Café Central», de Cantanhede, «Os Pavões» e «Os Perus», do Troviscal, o «Jazz de Família», de Vieira de Leiria. Mais tarde, «Os Teimosos» mudaram o nome para «Os Rouxinóis», deixando de existir nos anos setenta.

Com a saída dos elementos que passaram a formar a orquestra, a Banda ficou bastante desfalcada. Contudo, rapidamente se recompôs e, sob a regência do seu novo maestro, o Senhor João Cardoso, atingiu um dos pontos mais altos da sua carreira, embora num período relativamente curto. Criou-se até na aldeia uma forte mas salutar rivalidade entre os adeptos da «Música» e os do «Jazz».

Com altos e baixos, a Banda de Tibaldinho continuou a sua actividade, sob a regência dos maestros Narciso da Silva, António Pais Silvestre, José Cardoso e José Loureiro Baptista.

Ao entrar no ano de 1980, a Filarmónica de Tibaldinho era composta por 28 elementos, entre os quais duas raparigas, executando os seguintes instrumentos: 6 clarinetes, 4 trompetes, 3 trombones, 2 cornetins, 2 bombardinos, 2 contrabaixos, 1 requinta, 1 saxofone alto, 1 saxofone soprano, 1 saxofone tenor, 1 trompa, 2 caixas, 1 pratos e 1 bombo. Vejamos os nomes da Direcção, do Maestro e dos filarmónicos:

Presidente e Director Artístico: Padre Manuel Pais Messias

Secretário: Leonel Lopes

Maestro e Tesoureiro: António Amaral de Almeida

Filarmónicos: Albertino Lopes; Alberto Ferreira Pereira; Alípio Loureiro Mendes; Amândio João Amaral de Almeida; António Henriques Mendes; António Maria Mendes da Costa; António Mendes da Costa Amaral; António Oliveira Sampaio; António Pais; António Pais Amaral; Armando Rodrigues Lopes; Artur Lopes Mendes; Carlos Rodrigues Silvestre; Fernando António Loureiro; Fernando Ferreira Lopes; Fernando José Ferreira Azevedo; Fernando Rodrigues; Francisco Pais Mendes; Hermínio Pais Mendes; José Manuel Mexias; Júlio de Almeida; Júlio Mendes Rodrigues; Manuel Pais Mendes; Maria Fernanda Gomes

Mendes; Maria Isabel Morais Mendes; Paulo Correia Lopes; Pedro Costa Loureiro.

Registe-se com agrado a presença das duas primeiras raparigas. Trata-se de uma novidade para a época, pois a nossa Banda terá sido das primeiras do país a incorporar elementos femininos.

Como a seguir se verá, a acção do presidente e director artístico Padre Manuel Messias, do secretário Leonel Lopes e do novo maestro António Amaral de Almeida irá lançar Banda para novos voos, entrando numa fase renovada da sua já longa existência.

2. 4 - Quarto período (1980-2001)

Nem sempre a Banda esteve organizada a nível de associados e respectivas Direcções e de Estatutos próprios. Houve, porém, certas fases, normalmente as de revitalização, em que se angariaram sócios e se formaram Direcções eleitas em reuniões informais, sem serem lavradas as respectivas actas. Era o tempo em que a palavra fazia lei. Esta forma organizativa visava principalmente o apoio financeiro e moral, tendo também funções deliberativas e moderadoras.

Em 1980, a Banda atravessava uma dessas fases de revitalização e encetou um processo de reorganização. Com efeito, só neste ano se organizou formalmente e por escrito. Pela primeira vez passou a ter Estatutos escritos e livro de Actas das reuniões da Assembleia Geral.

Como se constata na Acta nº 1, na reunião da Assembleia Geral, realizada em 2 de Março de 1980, foram tomadas importantes decisões: a Banda passou a adoptar a designação de Sociedade Filarmónica de Tibaldinho; aprovou os Estatutos e nomeou quatro sócios para representarem a colectividade no acto da assinatura da escritura notarial de constituição da sociedade; elegeu os Corpos Sociais que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia geral: Presidente, António Pais do Amaral; 1º Secretário, Armando Victor Rodrigues Lopes; 2º Secretário, António Pedro Cordeiro de Loureiro.

Direcção: Presidente, Padre Manuel Pais Messias; Secretário, Leonel Lopes; Tesoureiro, António Amaral Almeida.

Conselho fiscal: Albertino Lopes, Alípio Loureiro Mendes e António Pais.

No dia 11 de Fevereiro de 1981, no cartório notarial de Mangualde, com outorga das assinaturas do Padre Manuel Pais Messias, de Leonel Lopes, de António Pais do Amaral e de António Pais, foi lavrada a escritura de constituição da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, tendo sido elaborados e aprovados em Assembleia Geral os Estatutos e feito o competente registo notarial.

Na sequência das necessárias alterações estatutárias, a Sociedade Filarmónica de Tibaldinho passou a integrar supra-estruturas organizativas. Assim, na reunião da Assembleia Geral de 14 de Maio de 1999, foi decidida por unanimidade e em votação secreta a adesão como membro fundador da Federação de Bandas Filarmónicas do Distrito de Viseu, tendo sido conferidos poderes à Direcção para assinar a escritura de constituição da referida Federação (Acta nº 16). Na reunião de 31 de Março de 2000 (Acta nº 17), foi discutida a necessidade de reestruturação da Direcção para a integração da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho no RENAJ - Registo Nacional de Associações Juvenis. Para este efeito, tornava-se imperioso proceder à eleição dos Corpos Sociais com a Direcção constituída por nove membros. Tal veio a acontecer na reunião da Assembleia Geral de 7 de Abril de 2000 (Acta nº 18), na qual foi eleita a lista única submetida a sufrágio, constituída pelos seguintes elementos:

Mesa da Assembleia Geral

Presidente - Manuel Pais Messias 1º Secretário - Bruno José Lopes Rodrigues

2º Secretário - Paulo Jorge Rodrigues Mendes

Direcção

Presidente - Júlio Mendes Rodrigues Vice-Presidente - José António da Cruz Almeida

1º Secretário - Manuel João Almeida Brito 1º Secretário - Suzana Isabel da Silva Ferreira Gomes
2º Secretário - Daniela Filipa Ferreira Pais Tesoureiro -António Amaral Almeida 1º Vogal -André Silvestre Loureiro 2º Vogal - Gilberto Carlos Ramos Loureiro Lopes 3º Vogal - Hugo Miguel Ferreira Almeida

Conselho Fiscal

Presidente - Alexandre Luís de Jesus Gonçalves

1º Secretário - Luís Miguel Rodrigues Mendes

2º Secretário - Ricardo Jorge de Jesus Gonçalves.

Para além das incumbências atrás referidas, coube a estes Corpos Sociais, nomeadamente à Direcção, a árdua tarefa, mas também o privilégio e a honra, de conceber e promover o programa das Comemorações do Primeiro Centenário da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, a que adiante nos referiremos de forma pormenorizada.

No momento da comemoração do primeiro centenário, a Filarmónica era composta por 43 elementos, cujo nome, idade, profissão, habilitações literárias e instrumento que cada um tocava constam do quadro inserto na página seguinte.

Como se pode ver pelo quadro, para além do regente e do porta-estandarte, a estrutura instrumental, em 2001, era constituída por 15 clarinetes, 6 trompetes, 4 saxofones altos, 3 tubas, 3 trompas, 2 saxofones tenores, 2 bombardinos, 1 flauta, 1 trombone, 1 saxofone soprano, 1 bombo, 1 caixa e 1 pratos. Este quadro permite ainda outras leituras, relativamente à composição etária, à actividade profissional e às habilitações literárias, questões que serão tratadas quando, no último ponto deste estudo, abordarmos os aspectos de natureza económica, social e cultural.

3 . A construção da sede

Até à década de oitenta do passado século XX, a Banda não teve sede própria, realizando os ensaios e guardando o seu espólio em casa emprestada ou alugada.

Na década anterior, foi-se gerando entre os principais responsáveis e a população da aldeia a ideia da construção de uma sede para a Banda. Formaram-se, a este respeito, duas correntes de opinião: os que entendiam que se devia construir uma sede comum para a Associação Cultural e Desportiva de Tibaldinho e para a Banda Filarmónica e os que defendiam sedes autónomas.

Acabou por vingar a segunda solução, para a qual contribuiu decisivamente a doação do terreno para tal efeito, por parte do antigo filarmónico e sobrinho do fundador da Banda, Fernando de Loureiro Pais, e seu cunhado Manuel Fernando Ferreira Gomes. A formalização da doação teve o primeiro momento na reunião da Assembleia Geral, realizada a 21 de Junho de 1982 (Acta nº2), na qual foi decidido aceitar a referida doação, tendo na mesma Assembleia sido mandatados para outorgar a respectiva escritura notarial o Presidente da Direcção Padre Manuel Pais Messias e o Secretário Leonel Lopes.

Após um processo de certo modo complexo, foi construída a sede da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho no referido terreno, bem no «coração da aldeia», no dizer de Fernando de Loureiro Pais, com quem tivemos o privilégio de manter longas e amigas conversas, no decurso das quais colhemos preciosa informação a respeito das coisas da nossa terra, nomeadamente sobre a Banda de Música.

Nome	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Instrumentos
<i>Alexandra Sofia Pais</i>	13	ístudante	8º Ano	Clarinete
<i>Ana Isabel Cruz Almeida</i>	21	Operária	10º Ano	Clarinete
<i>Ana Margarida Ferreira</i>	11	Estudante	6º Ano	Flauta
<i>António Amaral Almeida</i>	50	ímp.	4ª Classe	Maestro
<i>Bruno José Lopes Rodriques</i>	20	ístudante	12º Ano	Pratos
<i>Carina Vanessa Santos</i>	10	ístudante	4º Ano	Clarinete
<i>Carla Alexandra Amaral</i>	10	ístudante	5º Ano	Clarinete
<i>Cátia Regina Santos Mendes</i>	10	ístudante	4º Ano	Clarinete
<i>Emanuel José Almeida</i>	14	Estudante	9º Ano	Trompete
<i>Fátima Raquel Simões</i>	13	ístudante	7º Ano	Clarinete
<i>Filipe Daniel Sá Bento</i>	17	Operário	7º Ano	Porta
<i>Francisco Manuel Nunes</i>	48	S/ Chefe	Curso	Saxofone tenor
<i>Guilherme Loureiro Mendes</i>	9	ístudante	4º Ano	Trompete
<i>Helena Isabel Amaral</i>	15	ístudante	10º Ano	Clarinete
<i>Hugo André Sá Bento</i>	13	ístudante	6º Ano	Trompa
<i>Huao Miquel Ferreira</i>	23	Operário	10º Ano	Tuba
<i>Inês Sofia Azevedo Soares</i>	14	Estudante	8º Ano	Clarinete
<i>João Pedro Almeida Costa</i>	13	Estudante	7º Ano	Clarinete
<i>João Pedro Lopes Rodriques</i>	14	Estudante	9º Ano	Trompete
<i>Jorae Manuel Cardoso</i>	40	Operário	4ª Classe	Bombo
<i>José Carlos Dias Silvestre</i>	14	Estudante	6º Ano	Trombone
<i>José João Amaral Maraes</i>	15	Estudante	8º Ano	Caixa
<i>Júlio Mendes Rodriques</i>	52	Bancário	12º Ano	Saxofone alto
<i>Lídia Marisa Arrais M.</i>	23	Prof. Música	Curso	Trompete
<i>Marco António Amaral</i>	7	Estudante	2º Ano	Saxofone alto
<i>Miquel Pedro Lopes</i>	9	Estudante	4º Ano	Saxofone alto
<i>Miquel Santos Francisco</i>	13	Estudante	6º Ano	Trompa
<i>Nelson Filipe Mendes Santos</i>	16	Estudante	9º Ano	Clarinete
<i>Nelson Manuel Morais</i>	15	Estudante	8º Ano	Tuba
<i>Nuno Filipe Cruz Bernardo</i>	15	Estudante	7º Ano	Trompete
<i>Nuno Miquel F. L. M.</i>	23	Ena. Químico	Curso	Saxofone alto
<i>Patrícia Alexandra Silva</i>	14	Estudante	9º Ano	Clarinete
<i>Patrícia Pereira Lopes</i>	10	Estudante	4º Ano	Clarinete
<i>Paulo Jorae Rodriques Neves</i>	32	Operário	12º Ano	Clarinete
<i>Pedro Miquel Loureiro</i>	8	Estudante	3º Ano	Trompa
<i>Ricardo Pereira Lones</i>	8	Estudante	3º Ano	Trompete
<i>Rui Alexandre Costa Pereira</i>	15	Estudante	8º Ano	Tuba
<i>Sabina Figueiredo Lopes</i>	18	Enfermeira	12º Ano	Clarinete
<i>Sérgio André Soares Santos</i>	13	Estudante	7º Ano	Saxofone tenor
<i>Susana Isabel S. Ferreira</i>	21	Estudante	12º Ano	Saxofone
<i>Tânia Sofia Loureiro Ferreira</i>	18	Estudante	12º Ano	Clarinete
<i>Teimo Jorae Arrais M.</i>	13	Estudante	7º Ano	Bombardino
<i>Tiaqo André Rodriques</i>	14	Estudante	8º Ano	Bombardino

Fonte: - Inquérito feito a pessoas idóneas da localidade.

No decurso de uma dessas conversas, o Senhor Loureiro teve a gentileza de nos ceder cópia do discurso que proferira no acto de inauguração da sede da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho que, por um lado, ilustra bem as dificuldades de concretização do processo da sua construção e, por outro, reflecte o estado de alma de uma pessoa intimamente ligada à Banda que muito sentidamente considera sua irmã, pelo facto de ter nascido na casa onde ele nasceu e onde nascera o seu fundador. A nossa sincera e sentida homenagem a este Amigo e Benemérito da Filarmónica.

4 . As comemorações do primeiro centenário

4 . 1 - Programa comemorativo

A Direcção da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, presidida pelo Senhor Júlio Mendes Rodrigues, em

consonância com os membros dos restantes Corpos Sociais, com o regente, Senhor António Amaral Almeida, e com os filarmónicos, planeou um condigno programa comemorativo, cuja primeira fase teve início em 24 e 29 de Dezembro de 2001, continuou nos dias 5 e 6 (sábado e domingo) de Janeiro de 2002, e culminou no domingo seguinte, dia 13.

Na véspera de Natal de 2001 (segunda-feira), evocando o momento fundador da Banda Filarmónica de Tibaldinho, foi celebrada a Missa do Galo, tal como há cem anos atrás abrilhantada pela Banda, com a participação especial do Movimento de Jovens Cristãos de Alcaface e do Grupo Coral de Alcaface e com a colaboração de todas as Associações da Freguesia. O Presidente da Câmara Municipal de Mangualde, Dr. António Soares Marques, entregou à Sociedade Filarmónica de Tibaldinho a Medalha Municipal de Mérito.

No dia 29 de Dezembro de 2001 (sábado), realizou-se uma Festa-Convívio, animada pelo Conjunto 100 Limite, de Alcaface.

As comemorações prosseguiram em Janeiro seguinte. No dia 5 (sábado), pelas 18 horas, foi celebrada na capela de Tibaldinho missa de sufrágio pela alma dos filarmónicos e benfeitores falecidos. A seguir à missa, foi feita a apresentação da Escola de Música da Sociedade Filarmónica. Pelas 20 horas e 30 minutos teve início um magnífico jantar de confraternização.

No dia seguinte, dia 6 (domingo), pelas 11 horas, foi celebrada missa na Igreja Paroquial de Alcaface, seguida de romagem ao cemitério, recordando todos os filarmónicos falecidos. Entre as 14 e as 17 horas teve lugar um magnífico concerto por três Bandas: a Banda Juvenil da Câmara Municipal de Nelas, a Banda Musical Recreativa de Penalva do Castelo e a Sociedade Filarmónica de Tibaldinho. Às 20 horas, foi oferecido um jantar de confraternização entre os elementos das três Bandas e os convidados.

O ponto alto do programa aconteceu no dia 13 (domingo), com um Encontro das Bandas do Concelho de Mangualde a abrilhantarem a festa de encerramento das Comemorações. Pelas 14 horas, frente à sua sede, a Banda anfitriã fez a recepção protocolar das restantes três agremiações musicais: a Sociedade Filarmónica Lobelhense, a Associação Humanitária e Cultural de Abrunhosa-a-Velha e a Associação Filarmónica Boa Educação de Vila Cova de Tavares.

Depois das saudações de boas-vindas, as quatro bandas seguiram para o salão do Grupo Coral de Alcaface, onde se realizou um grandioso concerto. Perante uma assistência que não regateou fortes aplausos, as quatro bandas executaram vários números do seu repertório, pela seguinte ordem: a de Abrunhosa-a-Velha, a de Lobelhe, a de Vila Cova de Tavares e, por fim, a de Tibaldinho. A terminar, o Grupo Coral de Alcaface e a Banda de Tibaldinho, em actuação conjunta, brindaram os presentes com duas obras musicais que já haviam executado na transacta missa do galo, na igreja paroquial: *Adeste fidelis* e *Gloria in excelsis Deo*.

Em representação da Câmara Municipal de Mangualde, compareceram o Dr. Castro de Oliveira e o Eng. Agnelo e esposas, bem como o Eng. Fraga. O Senhor Governador Civil de Viseu fez-se também representar. Estas duas entidades ofereceram lembranças à Banda centenariante. Fez a cobertura jornalística o *Notícias da Beira* que, na sua edição de 18 de Janeiro de 2002, publicou uma óptima reportagem textual e fotográfica de página inteira, com chamada na primeira página ilustrada com fotografia frente à sede da agremiação em festa e o sugestivo título, *«Magnífico concerto comemora 1º Centenário da Banda de Tibaldinho»*.

A Direcção da Banda ofereceu medalhas e galhardetes comemorativos às Bandas presentes, bem como aos patrocinadores e benfeitores: INATEL, Instituto Português da Juventude, Governo Civil de Viseu, Câmara Municipal de Mangualde, Junta de Freguesia de Alcaface, Paróquia de Alcaface, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Mangualde, Adega Cooperativa de Mangualde, Beira Lã, S.A., de Seia, M.J.C.A - Movimento de Jovens Cristãos de Alcaface, G.C.A. - Grupo Coral de Alcaface, A.C.D.T. - Associação Cultural e Desportiva de Tibaldinho e, a título individual, ao Padre Manuel Pais Messias, digníssimo pároco de Alcaface, ao Senhor Fernando Loureiro Esteves, anterior Presidente da Junta, e ao Maestro António Amaral de Almeida.

Seguiu-se um jantar de confraternização, servido na sede da Banda anfitriã, em festa comemorativa do seu primeiro centenário.

Segundo o relato do *Notícias da Beira*, de 13 de Setembro de 2002, a Câmara Municipal de Mangualde, em cerimónia realizada pelas 17 horas do dia 8 desse mês (dia de Nossa Senhora do Castelo e da Cidade), no Auditório da Biblioteca Municipal, atribuiu galardões municipais a várias entidades e personalidades, tendo sido conferida publicamente à Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, bem como às restantes três Bandas do concelho, a *Medalha Municipal de Mérito*.

Refira-se que a medalha já tinha sido entregue à Direcção da Banda de Tibaldinho, em 24 de Dezembro de 2001, tendo nesta cerimónia sido outorgado o diploma. Nesta mesma data, foi também entregue ao Padre Manuel Pais Messias a *Medalha Municipal de Calor e Altruísmo*.

4. 2 - *Hino do Centenário*

Hino exprime a ideia de canto de exaltação e de louvor a um acontecimento, a uma localidade, a uma pessoa muito singular, a uma instituição, a uma pátria. No momento em que a Sociedade Filarmónica de Tibaldinho acaba de celebrar o seu primeiro centenário, faz sentido a criação de um hino em sua honra. Da interiorização desta nossa convicção e do amável convite do Presidente da Direcção, Sr. Júlio Mendes Rodrigues, nasceu o hino que se segue.

HINO DO CENTENÁRIO

SOCIEDADE FILARMÓNICA DE TIBALDINHO

I

Nas margens do Rio Dão,
Em tempos que já lá vão,
Nasceu, cresceu Tibaldinho.
Andorinhas e pardais,
Nos campos e nos beirais,

Aqui fizeram seu ninho.
Nesta aldeia hospitaleira,
Altivo rincão da Beira,
A nossa Banda nasceu.
Por entre tanta beleza,
Da nossa Mãe - Natureza,
Cem anos já aqui viveu.

REFRÃO

Viva a nossa Filarmónica!
Anda música no ar.
Pára, pára; escuta, escuta!
É nossa Banda a passar.
Tibaldinho, nossa terra,
A Banda é teu ideário;
Toca, toca, mundos fora,
Rumo ao novo centenário!

II

Requintas e clarinetes,
Trompas, tubas e trompetes,
Caixas, tambores a rufar;
Flautas e saxofones,
Bombardinos e trombones,
Venham p'rá rua tocar.

Na rua e no coreto,

Na procissão, no concerto,
É festa, é festa garrida.
Filarmónica a tocar,
Vamos todos aclamar,
Por mais cem anos de vida.

José Manuel Azevedo e Silva

5 . Aspectos de natureza económica, social e cultural

Os motivos que presidiram à criação da Banda Filarmónica de Tibaldinho foram fundamentalmente de natureza social e cultural e, em plano secundário, de carácter económico.

Nas primeiras seis décadas da sua existência, as receitas da Banda eram provenientes das importâncias recebidas pelos serviços prestados, das quotas dos associados nos períodos em que houve Direcção e quotização organizadas e dos peditórios feitos ao povo. Só a partir da década de setenta tem recebido subsídios atribuídos pela Câmara Municipal de Mangualde e pela Secretaria de Estado da Cultura.

Das verbas dos serviços prestados, cinco a dez por cento cabiam ao maestro pela regência e pela manutenção da escola de música em que normalmente era coadjuvado pelo contramestre e por outros músicos competentes e, depois de pagas as partituras musicais, o concerto e a conservação dos instrumentos e outras despesas, o restante era distribuído equitativamente pelos filarmónicos, no final do ano.

Os montantes dos peditórios feitos à população eram, como já se disse, exclusivamente destinados à compra de instrumentos e do fardamento. Os subsídios atribuídos têm a sua contrapartida, porquanto a Banda está obrigada a dar periodicamente um concerto público e a participar gratuitamente, quando requisitada para serviços oficiais.

Por manifesta falta de meios económicos, houve fases em que a Banda não teve farda. Durante o primeiro período e parte do segundo, teve várias fardas de cotim mesclado. Na última parte do segundo período e durante a primeira fase do terceiro não teve farda. Em 1967, foi-lhe oferecida pelo Senhor General Fernando dos Santos Costa fazenda cinzenta com que mandou fazer fardamento. Depois desta, teve um fardamento de fazenda castanha e, em 1980, teve outro de fazenda azul. Actualmente, o fardamento é constituído pelo fato azul, camisa branca e gravata verde-seco.

A Banda Filarmónica de Tibaldinho teve várias bandeiras, por vezes oferecidas por dedicados beneméritos. Em 1980, tinha uma que lhe havia sido oferecida, há cerca de 20 anos, por um conterrâneo residente no estrangeiro. Depois, teve outra executada pela bordadeira Maria Fernanda Ferreira. O desenho da actual é da autoria do Padre Manuel Pais Messias. Tomando a simbologia da bandeira, foram executados, numa casa da especialidade do Porto, a medalha, o pendão e o galhardete comemorativos do primeiro centenário, sob as indicações do Presidente da Direcção, Júlio Mendes Rodrigues.

O nível económico da grande maioria dos componentes da Banda, à data da sua fundação e nas décadas que se seguiram, era bastante baixo. Nas últimas décadas, melhorou consideravelmente.

Até 1980, a Banda tinha actuado em muitas das localidades da região, num raio de cem quilómetros. A localidade mais distante a que até então se tinha deslocado foi à cidade de Pinhel. Nos últimos tempos, actuou em localidades de todo o país, nomeadamente, Guarda, Fátima, Lisboa e Almoçageme - Sintra.

Nos primeiros tempos, as deslocações eram feitas a pé, levando cada um o seu instrumento. Depois, para as actuações mais distantes, passou a deslocar-se de autocarro alugado. De alguns anos a esta parte, as deslocações continuam a fazer-se de autocarro, normalmente cedido pela Câmara Municipal de Mangualde.

Por uma actuação numa localidade a cerca de vinte quilómetros de distância, a Banda levava, em 1980,

pelo serviço, incluindo o transporte, à volta de sete contos (35 euros) por missa e procissão e dez contos (50 euros) por arraial. Tenha-se em conta a inflação e o maior número de elementos da Banda e teremos os valores actuais.

O repertório mais executado, até aos anos oitenta, constava de marchas, pasodobles, valsas, mazurcas e rapsódias. Nos últimos tempos, tem incluído nas suas actuações outros géneros musicais.

A Banda de Tibaldinho, desde a sua fundação, tem actuado em festividades à compita com quase todas as Bandas da região: a de Lobelhe, a de Mangualde, a de Abrunhosa-a-Velha, a de Abrunhosa do Mato, a de Vila Cova de Tavares, a de Penalva do Castelo, a de Santar, a de Vilar Seco, a de Nelas, além de outras de localidades mais distantes. Nos últimos tempos, há relações amistosas entre a Banda Filarmónica de Tibaldinho e as que, dentre as indicadas, continuam em actividade, mas antigamente houve grande rivalidade, especialmente com as Bandas mais próximas: a de Lobelhe, a de Santar e a de Vilar Seco.

Por volta de 1980, a Banda de Tibaldinho prestava cerca de 50 serviços por ano, a maior parte dos quais religiosos. Nas missas cantadas celebradas na freguesia e até em algumas de outras paróquias passou, por vezes, a actuar conjuntamente com o Grupo Coral de Alcafache.

Grande parte das suas actuações são aos sábados, domingos, dias santos ou feriados e, como por regra os ensaios são à noite, a dedicação à Banda traduz-se na ocupação dos tempos livres dos seus elementos. Por razões compreensíveis, a percentagem de actuações é maior no Verão que no Inverno.

A aprendizagem musical e instrumental dos filarmónicos e dos maestros foi sempre feita nas escolas da própria Banda. Há apenas quatro excepções: a do seu fundador e primeiro maestro José de Loureiro Pais, como atrás se viu; a do maestro Joaquim Pedro Fortes que, como também já se disse, fora músico da Banda Militar do Regimento de Infantaria 14, de Viseu, a do maestro José Loureiro Baptista (Zé Pachó) que foi filarmónico da Banda de Santar, tinha um curso de especialização musical, fez parte da orquestra «Os Teimosos», casou em Tibaldinho e, depois da extinção da orquestra, regeu a Banda durante alguns anos; a do Director Artístico Padre Manuel Messias, pároco da freguesia, grande apaixonado da música que, além da sua própria formação musical, fez cursos de regência de bandas filarmónicas, tendo sido maestro, entre outras, da Banda de Penalva do Castelo.

Pelas razões que acabámos de expor, o recrutamento dos elementos da Banda, desde a sua fundação, foi normalmente feito através da Escola de Música anexa à Banda. Não admira, pois, que tanto a colectividade como a população tenham, ao longo dos tempos, apreciado e louvado o papel da Escola de Música na formação técnica dos seus executantes. Concretamente, na sua reunião da Assembleia Geral de 10 de Janeiro de 1996, foi reconhecido que «a Escola de Música continuou a trabalhar e deu bons frutos, contribuindo para o aparecimento de bons alunos e bons músicos» (Acta nº 11). Na reunião de 20 de Janeiro de 1999, «foi posta em evidência a eficácia da Escola de Música Juvenil, com um voto de louvor para o maestro, António Amaral Almeida e seus colaboradores, Lídia e Bruno». Acrescenta-se que da Escola de Música «está a depender a melhoria técnica dos executantes e aprendizagem de música das camadas juvenis, ocupando-lhes os tempos livres» (Acta nº 14). Na Assembleia Geral de 16 de Fevereiro de 2001, «foi posto em destaque o trabalho feito pela Escola de Música a funcionar na Sociedade Filarmónica e igualmente o apoio dado a alguns jovens para participarem nos cursos dados pelo INATEL, assim como a reciclagem do maestro e monitores» (Acta nº 19).

Como vemos, nos últimos tempos, a Sociedade Filarmónica de Tibaldinho não se tem limitado a promover e dinamizar a aprendizagem inicial dos novos músicos, mas tem-se preocupado em apoiar os jovens disponíveis a participar em cursos de aperfeiçoamento técnico, bem como a participação do maestro e dos monitores em cursos de formação musical. Na sua reunião de 20 de Janeiro de 1999, a Assembleia regozijou-se pelo facto de terem participado «num curso de formação para amadores nove elementos executantes, promovido pelo INATEL». Esclarece-se ainda que o regente António Amaral Almeida e o regente ajudante Francisco Nunes da Costa fizeram um curso de regentes amadores em Tondela, igualmente promovido pelo INATEL». Na sede desta Instituição, em Viseu, estes mesmos elementos dirigentes frequentaram «um curso de reparação de instrumentos» (Acta nº 14).

Apesar do mais ou menos regular funcionamento da Escola de Música, desde muito cedo que, em

determinadas situações, foi necessário recorrer a músicos de outras bandas, principalmente das de Lobelhe e Santar. Por seu lado, alguns elementos da Banda de Tibaldinho constituíram, por vezes, reforço daquelas bandas.

O trabalho da Escola de Música e das acções de formação tornou-se visível não só no interior mas também no exterior da Filarmónica de Tibaldinho. Na verdade, segundo relato do jornal *Notícias da Beira*, de 14 de Março de 2003, a Delegação Regional de Cultura do Centro lançou um projecto em 2002 a desenvolver em 2003, pioneiro em Portugal no domínio da música, com vista à criação de seis orquestras distritais em Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu, de onde sairão os elementos para a criação da Orquestra Juvenil do Centro, na área do Jazz.

Dirigida a jovens filarmónicos com menos de 30 anos, o projecto envolveu 182 filarmónicas e cerca de 800 jovens, contando com o apoio das autarquias nas deslocações das pessoas e cedência de espaços para os ensaios e com o apoio financeiro da Comissão de Coordenação da Região Centro. Atestando o nível técnico dos seus músicos, da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho foram seleccionados cinco jovens para a Orquestra Juvenil de Viseu, dois dos quais integrarão a Orquestra Juvenil do Centro.

A Banda faz normalmente dois ensaios por semana, realizados à noite. Uma peça musical nova, com a duração de dez minutos e de dificuldade média, leva cerca de dez ensaios a preparar, de modo a ficarem condições de ser apresentada em público. Uma outra peça com o mesmo grau de dificuldade, mas com metade da duração necessita de cerca de seis ensaios.

Além dos 28 elementos que, em 1980, faziam parte activa da Banda, outras pessoas sabiam música na localidade. Nessa data, incluindo os filarmónicos em actividade, cerca de setenta pessoas (a maior parte das quais idosas) sabiam música e tinham tocado um instrumento.

Na década de setenta, um fenómeno novo veio trazer uma perspectiva de reforço e consolidação da colectividade, fenómeno esse que, desde de então, passou a ser comum a todas ou quase todas as Bandas do país. É a presença de elementos femininos. Diga-se, a propósito, que, dos seis jovens que, em 1980, frequentavam a escola de música, três eram raparigas. Em 2001, no momento da comemoração do primeiro centenário, dos 43 componentes da Banda, 15 eram do sexo feminino, a maior parte das quais jovens estudantes.

Numa louvável luta pela sua emancipação, a mulher tem conquistado o direito e exercido o dever de participar em vários aspectos da vida da sociedade. A música, e particularmente as Bandas, tem sido um desses aspectos em que a mulher afirmou as suas capacidades. Tal passou a permitir que a fonte de recrutamento fosse mais vasta, uma vez alargada à população feminina. Além disso, a presença do elemento feminino atrai à colectividade, como é natural, os componentes masculinos, introduz um toque de encanto e até mais delicadeza no tratamento entre os músicos.

Embora a mulher tibaldinhense só nas últimas três décadas tenha participado directamente na composição da Banda, desde sempre que ela colaborou indirectamente. Com efeito, as mulheres, as laboriosas bordadeiras de Tibaldinho, acarinharam sempre a Banda, mostrando-se orgulhosas em terem como filarmónicos os maridos, os irmãos, os filhos ou os namorados. E este aspecto não é de pequena monta. Fosse as mulheres adversas à Filarmónica e a sua existência teria sido, certamente, efémera.

Refira-se, a propósito, que, a partir de meados do século passado, os famosos bordados de Tibaldinho foram fortemente prejudicados pela introdução dos tapetes de tipo «arraiolos». Em vez de aprenderem a bordar o «tibaldinho regional», as moças dedicaram-se aos tapetes, pondo em risco a continuidade do «Bordado de Tibaldinho», apesar da intervenção e empenhamento de várias pessoas e entidades.

Quanto às idades dos filarmónicos, vejamos o quadro que se segue:

Composição etária dos elementos da Banda

Grupos etários	Em 1980	Em 2001
Até aos 20 anos	15	32
Dos 20 aos 30	3	6
Dos 30 aos 40	2	1
Dos 40 aos 50	2	2
Dos 50 aos 60	5	2
Mais de 60 anos	1	0
Total	28	43

Fonte: - Inquéritos feitos a pessoas idóneas da localidade.

A leitura deste quadro permite-nos concluir que, em 1980, a Banda Filarmónica estava bastante rejuvenescida, pois mais de metade dos elementos que a compunham tinha menos de 20 anos. A existência de apenas 7 elementos entre os vinte e os 50 anos reflecte um largo período de tempo em que, por um lado, a aprendizagem do solfejo e da execução de um instrumento terá sido mais reduzida e, por outro, coincide com uma forte emigração, especialmente de homens, para os países do centro e norte da Europa. Ao invés, entre os 50 e os 60 anos, temos 5 filarmónicos, o que traduz um bom período de aprendizagem, coincidente com a juventude destes elementos e talvez devido ao facto de, pela sua idade, já não serem tão atraídos pela emigração. Dos 8 elementos fundadores, já nenhum fazia parte da Banda naquela data, pois já todos haviam falecido.

Em 2001, a média etária da Banda era bastante baixa. Com efeito, 32 filarmónicos (mais de dois terços) eram jovens estudantes com menos de 20 anos, fruto da actividade da Escola de Música, 6 entre os 20 e os 30 anos, 1 entre os 30 e os 40 anos, 2 entre os 40 e os 50 anos e igualmente 2 entre os 50 e os 60 anos (o maestro António Amaral de Almeida com 50 e o director Júlio Mendes Rodrigues com 52).

O quadro que se segue mostra-nos o nível cultural dos elementos da banda.

Habilitações literárias dos componentes da Banda

Nível literário	Na fase inicial	Em 1980	Em 2001
Analfabetos	6	3	0
Instrução primária incompleta	7	6	0
Instrução primária completa	5	14	2
Formação liceal/secundária	2	5	38
Formação universitária/superior	0	0	3
Total	20	28	43

Fonte: - Inquéritos feitos a pessoas idóneas da localidade

Como ressalta da leitura do quadro, o baixo nível literário está bem patente na fase inicial, o que não significa, por si só, incultura, pois, para além dos conhecimentos adquiridos por via da experiência, a própria música é uma boa forma de cultura.

Em 1980, o número de analfabetos e com instrução primária incompleta baixou consideravelmente. Repare-se que o número de músicos com instrução primária completa passou de 5 para 14. Todavia, ainda existiam três analfabetos e seis elementos com instrução primária incompleta. Estes nove casos registavam-se, naturalmente, entre os elementos mais idosos, deixando prever que, num futuro mais ou menos próximo, tal situação tenderia a ser eliminada. Subiu também de 2 para 5 o número de executantes com formação liceal, embora entre a fase inicial, em que houve dois professores do ensino primário, e 1980, em que havia cinco estudantes liceais, tenham passado muitas décadas em que não houve qualquer filarmónico com formação de nível secundário.

No momento da comemoração do primeiro centenário, o nível cultural dos filarmónicos tinha subido substancialmente. Com efeito, em 2001, não havia nenhum analfabeto, 2 tinham a instrução primária, 38 frequentavam ou tinham concluído o primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico ou o ensino

secundário e 3 tinham formação superior.

Esta amostragem realizada a nível da Banda pode, de certo modo, generalizar-se a toda a população de Tibaldinho, ressalvando que, na fase inicial, o nível cultural da totalidade das gentes da aldeia era ainda mais baixo que o captado nos filarmónicos, uma vez que então muitas raparigas não frequentavam a escola.

Como se disse já, a dedicação à Banda constitui uma forma louvável de ocupação dos tempos livres. Trata-se, portanto, de uma actividade amadora, pelo que, a nosso ver, se reveste do maior interesse conhecer as profissões dos músicos em três momentos marcantes da vida da Banda, o que se pode colher de forma comparativa no quadro que se segue:

Profissões dos componentes da Banda

Profissões	Na fase inicial	Em 1980	Em 2001
Trabalhadores rurais	8	8	0
Proprietários rurais	5	6	0
Pedreiros	2	1	0
Carpinteiros	1	0	0
Padeiros	1	1	0
Barbeiros	1	0	0
Resineiros	0	2	0
Operários	0	5	5
Professores primários	2	0	0
Estudantes	0	5	32
Empregado camarário	0	0	1
Sub-chefe de Polícia	0	0	1
Bancário	0	0	1
Professora de música	0	0	1
Engenheiro químico	0	0	1
Enfermeira	0	0	1
Total	20	28	43

Fonte: - Inquéritos feitos a pessoas idóneas da localidade

Pela análise deste quadro, podemos ver que, na fase inicial, a ruralidade das gentes de Tibaldinho e da sua Banda está bem patente, visto que, dos 20 elementos, 13 são trabalhadores ou proprietários rurais.

Essa ruralidade manter-se-á nas fases seguintes, mas, em 1980, dos 28 filarmónicos, já só metade estão ligados aos trabalhos agrícolas, sendo, dos restantes, 5 operários fabris, 5 estudantes, 2 resineiros, 1 pedreiro e 1 padeiro. Há, portanto, uma diversificação maior das actividades profissionais dos seus elementos.

Curiosamente, em 2001, a ruralidade desaparece por completo na composição profissional dos componentes da Banda, o que não significa que a aldeia de Tibaldinho tenha deixado de ter a sua tradicional feição rural. Significa, isso sim, que os estudantes (32), os operários (5) e músicos com outras profissões ligadas fundamentalmente à função pública têm mais disponibilidade para a aprendizagem e a dedicação aos ensaios e às actuações da Filarmónica.

Maestros da Banda e suas profissões

Nomes	Profissões
José de Loureiro Pais	Professor do ensino primário
António Loureiro Amaral	Proprietário rural
Joaquim Pedro Fortes	Feitor e barbeiro
António Pais do Amaral	Proprietário rural
João Cardoso	Proprietário rural
Narciso da Silva	Proprietário rural
António Pais Silvestre	Sapateiro
José Cardoso	Proprietário rural
José Loureiro Baptista	Sapateiro
António Amaral de Almeida	Empregado camarário

Fonte: - Inquéritos feitos a pessoas idóneas da localidade

Pode dizer-se que as gentes de Tibaldinho têm forte propensão para a música. Lembremos os pastores de antanho, exímios tocadores de flauta. Eles próprios fabricavam os seus instrumentos, de cana ou de pau de sabugueiro.

Aliás, nem só os pastores manufacturavam os seus instrumentos. Os primitivos instrumentos de percussão da Banda eram, em parte, feitos pelos seus executantes. Sabemos, também, que certas peças de instrumentos eram artesanais. Por exemplo, um dos fundadores da Banda, Jerónimo Pais de Loureiro, nosso Avô materno e virtuoso executante de clarinete, fazia ele próprio as palhetas do seu instrumento que preferia às compradas.

Além da Banda, das orquestras e dos bucólicos tocadores de flauta, cumpre-nos referir ainda a existência de tocadores de outros instrumentos: pífaro, flautim, concertina, realejo, guitarra, viola, violão, bandolim, bandola, banjo, violino. Por vezes, estes amantes da música agrupavam-se (chegou mesmo a existir uma tuna), abrilhantando bailaricos, cantando as Janeiras, preenchendo os serões ou fazendo serenatas às moças, a partir da meia noite. Nós próprios fomos intervenientes directos nestas manifestações musicais, conjuntamente com nossos tios, nossos irmãos e rapazes amigos da nossa geração.

Aqui ficam, em traços largos, as vicissitudes por que passou a Banda Filarmónica de Tibaldinho, desde a sua fundação até aos nossos dias. Aproveitámos para penetrar um pouco nos aspectos económicos, sociais, culturais, morais e religiosos, não só dos componentes da Banda, mas também do meio em que a mesma se insere - uma pequena comunidade rural beiraltina.

Para além da bibliografia indicada, este estudo baseou-se em inquéritos que fizemos a pessoas idóneas da terra e no conhecimento pessoal que temos desta comunidade concreta, pois aqui nascemos e crescemos.

Embora o objectivo deste trabalho visasse concretamente o estudo da Banda Filarmónica de Tibaldinho, pensamos que ele contém muitos aspectos comuns a outras bandas do país.

E se estes e outros aspectos sócio-económicos, culturais e etnográficos não forem recolhidos e registados a tempo, é mais que certo que muitos deles ficarão para sempre no mais profundo e inexpugnável silêncio, tragados pela voragem do tempo.

José Manuel Azevedo e Silva

Associado do GAAC (Grupo de Arqueologia e Arte do Centro). Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, José Fernandes de - *No Centenário da Phylarmonica de S. Tiago de Marrazes (1880-1980)*, Marrazes-Leiria, Filarmónica de S. Tiago de Marrazes, 1980.

BANDAS de Música. Exposição - *Levantamento Fotográfico - Photographia Museu "Vicentes"*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura - Direcção Regional de Assuntos Culturais, 1984.

CADERNO de Apoio às Escolas de Música, Bandas e Coros, Lisboa, Edição da Junta Central das Casas do Povo (J.C.C.P) e do Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres (INATEL), 1982.

CRUZ, Serafim - *Os 125 Anos da Banda de Gueifães* - Maia. Apontamentos Históricos (1837-1962), Porto, Gráfica das Taipas, 1962.

FERREIRA, Fernando de Araújo - *Anais da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina*, Tomar, Edição patrocinada pela Casa Bancária Mendes Godinho, 1974.

FREITAS, Pedro de - *I Concurso Nacional de Bandas Civas* (realizado em 1960), Lisboa, Edição do Autor, Composto e impresso na Tipografia da L.C.G.G., 1965.

- *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Edição do Autor, 1946.

- *É preciso dar ao povo música de sua feição*, Lisboa, Edição do Autor, 1955.

LEMOS, Eugénio de - *A Filarmónica Lousanense e a Lousã*, Publicação integrada nas Bodas de Diamante, Lousa, Edição da Sociedade Filarmónica da Lousã, Composto e impresso na Gráfica da Lousã, 1972.

LOUREIRO, Tacílio Cardoso de - «*Tibaldinho (O artesanato é o teu ex-libris)*» soneto publicado no jornal Notícias da Beira, de 11 de Setembro de 1991.

LUCAS, António de Carvalho e BAPTISTA, Joaquim Lucas - *Banda Boa União (Música Velha)*. Cem anos ao serviço da Música (1865-1965), Manteigas, Gráfica de Gouveia, Lda., 1965.

MERELIM, Pedro de - *Filarmónica Recreio dos Artistas*, Angra do Heroísmo, Composto e impresso na Tipografia «União Gráfica Angrense», 1967.

NUNES, Mário - "*Filarmónica do Espinhal. Um Século em prol da Cultura Musical*", in Munda, n° 1, Coimbra, GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centra, 1981, pp. 45-60.

SILVA, José Manuel Azevedo e - "*A Banda de Música de Tibaldinho*", in Beira Alta, n° 43 (1-2), Viseu, Assembleia Distrital, 1984, pp. 291-306.